

Para Amato, o acordo "dá certa tranqüilidade"

por Cynthia Malta
de São Paulo

O empresariado paulista apóia a maneira pela qual o governo vem encaminhando a questão da dívida externa brasileira. Na opinião do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Amato, o acordo concretizado na sexta-feira passada, em Nova York, entre o comitê dos bancos credores e a comitiva do governo brasileiro, "já nos dá uma certa tranqüilidade".

Amato acrescentou que "o ministro Bresser Pereira está no caminho certo". O diretor do departamento de economia da FIESP, Walter Sacca, confirma as palavras de Amato e diz que "o governo sai fortalecido da negociação. Agora, espera-se que os credores cumpram com o combinado e que o governo possa agilizar um plano para pagamento do principal da dívida, num prazo de, pelo menos, cinco anos".

O ideal, segundo Sacca, seria o fechamento de um acordo de longo prazo. "Mas como isso não é viável no momento, é preferível um entendimento de

curto prazo do que o confronto", ressaltou. Sacca considera satisfatória a quantia de US\$ 1 bilhão como primeiro pagamento a ser feito no dia 30 de novembro próximo, referente aos juros vencidos de outubro e novembro deste ano.

Observou, ainda, que o acordo é importante, pois impede que o Brasil seja reclassificado como inadimplente e conseqüentemente desprestigiado no mercado externo.

"O Brasil não deve ter medo de ir ao Fundo Monetário Internacional (FMI)", diz Sacca. Em sua opinião o fato de o Brasil "sentar para conversar com o FMI", significa que o governo acredita na possibilidade de um resultado conciliatório "sem comprometimento do crescimento do País".

A economia doméstica não sofrerá modificações em razão do fechamento de acordo que prevê o refinanciamento dos juros devidos neste ano, segundo opinião de Sacca. "Acredito que nada irá mudar. A entrada de dinheiro novo no País depende de outros fatores, como o término da Constituinte", considera ele.